

EDITORIAL

Fim de ano sombrio. Avançou o retrocesso na política, no trabalho, na cultura, na convivência. Mas a resistência também cresce e se aprofunda; se aproxima o novo e o desejo compartilhado de renovação. Que o diálogo, o respeito e a esperança voltem a florescer neste país. São os votos pra 2018 desta Carta aos leitores.

FICHA TÉCNICA

Carta LIDEPS é uma publicação do Laboratório Integrado de Documentação e Estatísticas Políticas e Sociais, unidade especial de ensino, pesquisa e extensão vinculada ao Centro de Educação e Ciências Humanas da UFSCar. As opiniões publicadas neste boletim são responsabilidade exclusiva de seu conselho editorial.

Direção do CECH: M^a de Jesus Dutra dos Reis (Diretora), Ana Cristina Juvenal da Cruz (Vice).

Direção do LIDEPS: Marcelo Coutinho Vargas (Chefe), Eduardo Garutti Noronha (Vice).

Coordenação do CEJOPE: Samira Feldman Marzochi (Coordenadora).

Conselho Editorial: Gabriel Feltran, Igor Rennó Machado e Simone Diniz.

Redatores: Gleicy Oliveira, Letícia Zavan e Marcelo Vargas (redator-chefe).

Diagramação: Marcelo Aquino.

A redação recebe comentários, críticas, sugestões e colaborações no email lideps.ufscar@gmail.com ou via facebook. Visite o lidepsblog.wordpress.com.

Tiragem: 200 exemplares impressos.

ACONTECEU NO LIDEPS

José Genoíno, ex-deputado e ex-presidente do PT, fala sobre os 30 anos da Constituinte

Celebrando os seus 10 anos de atividade, numa sessão memorável de encerramento do seminário anual Machiavellicas, o PPGPol teve a honra de receber o ex-deputado federal José Genoíno, no LIDEPS, para falar sobre "O processo de construção da Constituição Federal de 1988" no último dia 29.

Líder icônico da esquerda brasileira desde a juventude, Genoíno foi dirigente da UNE, militou no PCdoB e participou da Guerrilha do Araguaia nos "anos de chumbo". Capturado pelo exército, foi torturado e passou cinco anos na cadeia. Ao retomar a liberdade, lecionou história em cursinhos de São Paulo e participou da fundação do PT. Desde então, sua trajetória se confunde com a história deste partido, que presidiu entre 2003 e 2005, e pelo qual foi deputado federal em sete legislaturas. Também foi pelo PT que se viu envolvido e condenado por corrupção ativa no processo do "mensalão", que investigou a compra de apoio parlamentar no 1º governo Lula. Ao que tudo indica, não esteve entre os arquitetos do esquema. Tendo cumprido um ano de prisão em regime fechado, recebeu indulto presidencial e teve sua pena extinta pelo STF em dezembro de 2014.



Convidado a falar do processo de construção da "Constituição Cidadã", do qual participou ativamente como deputado constituinte, se ateu estritamente ao tema, que abordou com brilhantismo e bom humor para uma plateia lotada e encantada por seu carisma e oratória. Ao lado da prof^a Vera Cepêda (DCSo), mediadora do evento, deu uma magnífica aula de política, que trouxe lições valiosas para entender não apenas o contexto histórico da época, mas também o momento presente, como se busca resumir abaixo.

Logo de início, esclareceu a estória mal contada pela direita de que o PT não assinou a Constituição de 1988. Lembrou que os 16 deputados do partido assinaram, sim, a Carta Magna, embora a bancada tenha feito uma declaração de voto manifestando posicionamento contrário em relação a cinco aspectos do documento aprovado: 1) o direito de propriedade, questionando a cláusula que exige o pagamento prévio de “justa indenização em dinheiro” para o Estado desapropriar imóveis para fins de utilidade pública ou interesse social (art. 5º, inciso XXIV); 2) a tortura como crime inafiançável e imprescritível (essa última condição suprimida por pressão por pressão dos militares); 3) a atuação das forças armadas na “garantia da lei e da ordem” (artigo 142); 4) a transformação do judiciário em poder intocável; e 5) a ausência de regulamentação dos conglomerados de comunicação de massas, com medidas para impedir a formação de oligopólios neste setor.

Não obstante as ressalvas acima, Genoíno enalteceu os avanços progressistas da Constituição de 1988 na construção de um estado de bem estar inclusivo no país, com ampliação das responsabilidades do Estado, dos direitos sociais e garantias individuais contra o arbítrio e a discriminação, mediante a criação do SUS, a criminalização do preconceito e o reconhecimento das terras de povos indígenas e quilombolas, entre outras medidas que nasceram, segundo ele, “na porrada”. Contra o viés jurídico dominante, enfatizou que a Constituição é fruto de debate, disputas e negociação entre forças políticas com interesses e valores conflitantes, que se enfrentaram na arena da Assembleia Nacional Constituinte (ANC).



O ex-parlamentar destacou que o PT defendeu a convocação de uma Assembleia Constituinte exclusiva, juntamente com a OAB e outras entidades da sociedade civil, apoiando o anteprojeto de Constituição debatido por estas entidades e redigido pelo jurista Fábio Konder Comparato. A alternativa do Congresso Constituinte era questionada por conta dos desequilíbrios de representação entre os estados e a participação de “senadores biônicos” não eleitos pelo voto popular. Mas prevaleceu o formato estabelecido na Emenda Constitucional nº 26: uma ANC composta pelos deputados e senadores eleitos em 15 de novembro de 1986.

Genoíno recordou que, uma vez instalada a ANC, a 1ª disputa se deu em torno da soberania do Poder Constituinte. Ao questionar na tribuna a

condução da sessão de abertura pelo presidente do STF, nomeado pelo regime militar, recebeu um bilhete de apoio assinado pelo presidente da Constituinte, o ilustre deputado Ulisses Guimarães, que mandou emoldurar e exibiu orgulhosamente à plateia. Falou com carinho e admiração do “Sr. Diretas”, que classificou como um autêntico liberal democrata. Destacou seu papel na construção de uma aliança entre a esquerda e o centro, unindo o PT e ala progressista do antigo MDB (que envolvia Mário Covas, Fernando Henrique e outros líderes do futuro PSDB) contra as forças conservadoras e antipopulares de direita oriundas do regime militar (PSD, PFL, UDR, etc.).

Lembrou que o processo de aprovação do texto constitucional passou por diversas etapas. Recebendo pressões e propostas de diferentes segmentos organizados da sociedade civil, o regimento da ANC organizou os trabalhos de elaboração da Carta Magna em oito comissões temáticas, cada uma subdividida em 3 subcomissões, cujas propostas de capítulos e artigos seriam consolidadas na Comissão de Sistematização antes de ir a votação em Plenário. Segundo Genoíno, o PT se organizou para ter representantes nas principais subcomissões e apresentar “propostas a negociar, propostas para marcar posição e propostas para serem derrotadas”. O regimento impedia que fossem apresentadas propostas gerais abrangentes, sem passar por esse percurso. Porém, as forças conservadoras articularam a formação de uma frente suprapartidária reunindo a direita do PMDB, PDS, PFL, PL e PTB, o chamado “centrão”, que aprovou a extensão do mandato do presidente Sarney para cinco anos e alterou o regimento da ANC, ao permitir que a maioria absoluta dos constituintes pudesse apresentar emendas modificativas, substitutivas e supressivas para títulos, capítulos e seções previamente aprovados na comissão de sistematização. Com isso, a estratégia do PT e aliados voltou-se para disputas pontuais visando aprovar ou rejeitar os diferentes tipos de emenda. O resultado deste processo, concluiu Genoíno, foi a aprovação de uma Constituição avançada, apesar de seu detalhismo e das lacunas que demandaram regulamentação infraconstitucional, refletindo as soluções negociadas conforme a correlação de forças da época.

Muito aplaudido, o ex-deputado se colocou à disposição da plateia para perguntas e comentários. Diante de questões sobre as estratégias adotadas pelo PT no processo de negociação dos direitos dos trabalhadores e das minorias, enfatizou a necessidade de aceitar as regras do jogo político democrático, que envolvem dialogar e negociar com adversários que não devem ser vistos como inimigos, como parece ocorrer no Brasil de hoje, mas antes como oponentes que podem ser derrotados ou obrigados a ceder, tanto quanto vencer e obter concessões. Citando Agamben e Hanna Arendt, reafirmou considerar a democracia não apenas um meio para obter conquistas na luta de classes, mas também um fim em si mesma. Solicitado a se pronunciar sobre as tendências atuais de desconstitucionalização de direitos, criticou os argumentos da direita conservadora que acusam a Constituição de 1988 de ser detalhista e conduzir o país à ingovernabilidade: o detalhismo da Constituição resultaria do seu caráter negociado e da necessidade de proteger os direitos dos grupos sociais mais vulneráveis, diante de uma correlação de forças

desigual; constituições concisas, como a carta magna dos EUA ou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão na França seriam produto de revoluções nas quais se afirma a hegemonia incontestada de uma determinada classe social sobre as demais. Deliciada, a plateia encerrou o evento com aplausos calorosos, abraços, selfies e a sugestão de que o ex-deputado escreva um livro para contar os muitos episódios pitorescos e reveladores dos bastidores da Constituinte que vivenciou.

DESTAQUE: IV SEMINÁRIO DE ANTROPOLOGIA DA UFSCAR

Entre os dias 20 e 23 de novembro, ocorreu a 4ª edição do Seminário de Antropologia da UFSCar, com palestras, minicursos, grupos de trabalho, mesas e atividades culturais que se distribuíram entre os departamentos de Ciências Sociais Filosofia, colorindo as imediações do LIDEPS, que também apoiou o evento, cedendo seu auditório e o espaço do CEJOPE. A convite desta carta, a comissão organizadora do evento respondeu às questões abaixo.

1) O IV Seminário de Antropologia da UFSCar ocorre justamente quando o PPGAS (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) completa 10 anos de existência. A última edição do evento, no seu alcance e dimensão, refletiu o crescimento e a consolidação do Programa?

O IV Seminário de Antropologia foi, antes de mais nada, uma iniciativa do corpo discente do PPGAS-UFSCar para resgatar este evento, cuja última edição se deu em 2014. A comissão organizadora foi composta no final do 1º semestre deste ano, contando com o apoio da Profª Drª Clarice Cohn. A proposta principal do evento foi promover um espaço de exposição dos trabalhos desenvolvidos pelo corpo discente da casa junto aos demais interessados em contribuir com o debate antropológico que temos desenvolvido. Por isso, nossa programação foi criada não apenas com base nas linhas de pesquisa do Programa, mas também para contemplar os temas de pesquisa dos alunos e alunas. Isso nos permitiu manter um diálogo com o corpo docente do PPGAS, que contribuiu para idealizar as mesas e a conferência.

Aproveitamos para marcar os 10 anos do programa com uma mesa comemorativa composta por docentes presentes desde a sua fundação, na qual se discutiu o desenvolvimento da antropologia desde a criação do PPGAS até os dias de hoje,

Nesse ano, como nas edições anteriores, recebemos antropólogos e antropólogas de variadas instituições, não apenas do estado de São Paulo, como também do Paraná e do Rio de Janeiro, além de funcionários públicos e outros profissionais egressos do corpo discente do programa, que vieram expor seus trabalhos, rever colegas e amigos, aceitando nosso convite a participar da antropologia que aqui fazemos. Acreditamos que esse encontro mais amplo só foi possível pelo reconhecimento que o PPGAS alcançou, inclusive no plano nacional.

2) Qual tem sido o público alvo, a periodicidade e alcance (local, regional, estadual, nacional) do Seminário de Antropologia da UFSCar?

Nesse ano nós tivemos um número muito significativo de inscrições para os GTs e as mesas. O público do seminário tem sido majoritariamente formado por discentes de ciências sociais, sobretudo das áreas de antropologia e sociologia, tanto da graduação quanto da pós-graduação das instituições de ensino superior de São Paulo e dos estados vizinhos. Para esta edição, em especial, fizemos questão de montar GTs que atendessem à demanda de alunos e alunas do PPGAS-UFSCar, que careciam de espaço e oportunidade para apresentarem projetos sem vínculos maiores com os macroprojetos do programa, como foi o caso dos GTs sobre Grafia, Arte e Performance; Religião no mundo contemporâneo; Raça e etnia; Índigenas no estado de São Paulo e Esportes. Foi uma surpresa receber a quantidade de trabalhos propostos, afirmando a necessidade de se estender os temas abordados pela antropologia.

3) Com 6 Mesas Redondas, 7 Grupos de Trabalho, 3 Minicursos e uma Conferência de encerramento, o IV Seminário de Antropologia mostrou-se bastante amplo e diversificado nas temáticas abordadas. Para além desta diversidade, houve algum tema transversal que marcou o conjunto dos debates, refletindo a crise atual do país?

A fim de contemplar os assuntos já consolidados no próprio PPGAS-UFSCar e abrir o debate para outros assuntos trabalhados pelos discentes, acabamos criando um evento que alcançou uma amplitude maior do que o esperado. Por conta de restrições financeiras ligadas à crise instalada nos países, planejamos inicialmente um evento de proporções mais módicas. Mas a dimensão do IV Seminário de Antropologia acabou refletindo a produção do próprio programa e sua trajetória, expondo o alcance que ele tem na região sudeste e sua capacidade de promover um debate antropológico de qualidade e diversificado, que reflete a consolidação do programa nestes 10 anos de existência.

4) Qual é a importância de eventos como o Seminário de Antropologia para os alunos de graduação e pós-graduação enquanto atividade extracurricular? O que tal atividade acrescenta na formação dos discentes?

Um evento como o Seminário de Antropologia é um espaço onde é possível perceber a complexidade e necessidade do trabalho antropológico, principalmente nos tempos atuais onde a profissão acadêmica se vê ameaçada e, no caso da antropologia mais especificamente, criminalizada (vide a CPI da Funai e do InCra). Um evento como esse oferece aos antropólogos e antropólogas um espaço de compartilhamento de suas pesquisas, uma experiência pedagógica que não se limita ao formato de aula e demonstra o quão frutífero é quando nossas pesquisas são compartilhadas com outros pesquisadores e pesquisadoras. Nossa aspiração é que um evento desses possa atingir cada vez mais o público externo à universidade, chegando à comunidade e às classes trabalhadoras, para que as pessoas possam se apropriar e se valer do conhecimento que produzimos.

5) Como e quando será o VI Seminário de Antropologia da

UFSCar? Quais são as perspectivas, as ambições e metas do PPGAS para o próximo evento?

Nós esperamos que o Seminário de Antropologia continue como uma atividade permanente do PPGAS como iniciativa conjunta e solidária dos corpos discente e docente. Neste ano conseguimos manter uma programação de qualidade e desejamos repetir a dose na próxima edição, inicialmente prevista para acontecer ainda no primeiro semestre de 2018.

RADAR

O Depto. de Ciências Sociais e o Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGPol) já contam com um novo docente aprovado em concurso no mês passado: Gabriel Ávila Casalecchi, mestre e doutor em Ciência Política pela UFMG, com doutorado sanduíche no Latin American Public Opinion Project da Universidade Vanderbilt (EUA). O PPGPol já começou a se familiarizar com o prof. Casalecchi,

que foi bolsista PNPd no programa antes de prestar o concurso, desenvolvendo pesquisas nas áreas de comportamento e cultura política na América Latina.

AGENDA LIDEPS

04 a 10/12: XIV Festival Chorando sem Parar. Espetáculos Musicais, Workshops e Rodas de Conversa na Praça XV e nos principais espaços culturais de São Carlos;

11 a 14/12: XV Semana de Ciências Sociais da UFSCar aborda o tema "Crise, Crítica e Resistência". Palestras, Minicursos, Oficinas e Debates com organização de discentes e docentes e participação de convidados externos. Para maiores informações, acesse o site www.semanasociais.com.br ou entre na página do Facebook: www.facebook.com/semanacsoufscar.

SEÇÃO LIVRE

Nesta edição, uma homenagem de nosso redator-chefe ao inigualável Festival Chorando Sem Parar, uma contribuição sem título do misterioso poeta Irado de Souza (pseudônimo) e uma ilustração do nosso diagramador Marcelo Aquino.

Carinhoso Festival

Alegria, alegria,
Chorando sem parar:
Pedacinhos do céu dedilhados
ao pé do ouvido do povo;

Perambulam pulsações,
palpitando harmonia,
silentes dissonâncias
ao findar do dia;

No coração da cidade,
ecoam encontros
dentro da gente
antes, durante e depois.

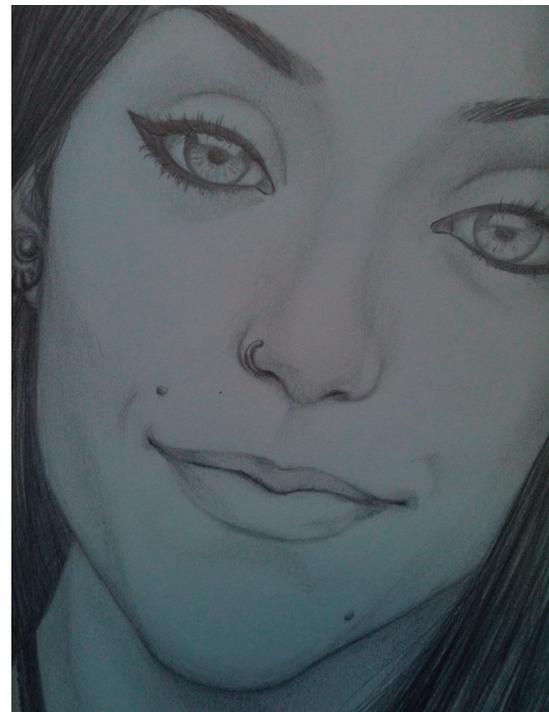
Marcelo Vargas

Contra a virulência das vaidades,
as virtudes tenazes da verdade;

Contra a crueza da verdade,
a crueldade da beleza;

Contra tudo e contra si:
a dureza crua da mágoa.

Irado de Souza



Marcelo Aquino. "Nicole"

Retrato. Grafite sobre papel. 14,8cm x 21,0cm.